

Conta de mentiroso

Não sei porque, tenho uma queda por histórias de mentirosos. Não que eu seja um desses. Longe de mim, minto apenas o bastante para me manter vivo e safo; seguramente não o faço mais do que o comum das pessoas. Aliás, aprecio muito a expressão, se não me engano, de Manuel de Barros: *só vinte por cento do que eu falo é mentira; o resto é inventado mesmo.*

Potocas. Era assim que as mentiras, particularmente aquelas inocentes, eram chamadas em minha infância. E nesta época conheci e me tomei de amores pelas histórias de um certo Karl Friedrich Hieronymus, autor (ou precursor) das famosas histórias do Barão de Munchausen. Eu gostava muito de ler e já naquela ocasião me deliciava com um exemplar deste livro, que me foi dado por um tio.

Ele, o Barão, nasceu no início do século 18, no que é hoje a Alemanha e fez carreira militar. Depois de se retirar, passou o resto da vida em sua aldeia, onde não perdia uma oportunidade de seduzir os camponeses e outros vizinhos com a narrativa de suas façanhas, sempre com muito exagero, mas sem perder a naturalidade. Mentiroso? Vá lá, mas não de um tipo vulgar. Consta que nem todas as histórias atribuídas ao tal barão foram contadas na vida real por Karl Friedrich, mas por certo Rudolf Raspe, um amigo dele, que não só reproduziu como criou novas anedotas atribuídas ao Barão.

Pensando bem, na verdade este é um tema comum na literatura de diversas origens, haja vista, por exemplo, o personagem Alexandre (*e outros heróis*), de Graciliano Ramos, mais tarde incorporado por Chico Anysio como Pantaleão, aquele do clássico bordão “*é mentira, Terta?*”, com suas histórias mirabolantes, curiosamente desmentidas por um “bobo” (aparentemente), Pedro Bó (na novela de Graciliano por um cego, Firmino), que assim se revelavam mais espertos do que os demais

basbaques reunidos em torno do mentiroso. E Alexandre não perdia oportunidade de desqualificar seu detrator: *cala a boca, você não é cego?*

No bairro onde morei na infância e juventude havia um tipo assim, conhecido como Alaerte, fazendeiro rico, um barão a seu modo, que passou a vida encantando os roceiros, amigos e mais quem se aproximasse com histórias igualmente saborosas e inofensivas.

Isso me lembra um outro mentiroso, embora não honrando tão nobres companhias, como o Barão, Pantaleão, Alexandre e Alaerte. Falo de Dejair, também conhecido como *Capitão*, talvez por ter sido durante algum tempo militar da ativa. Quando o conheci ele não tinha posto ou patente, mas era dotado de uma enorme vontade de mandar em tudo e em todos, atributos que ele se julgava detentor e multiplicador, como síndico do condomínio onde eu morava na ocasião. E exercia sempre suas pretensas prerrogativas à custa de muita mentira.

Voltando ao Barão, uma das histórias dele é que teria cavalgado durante uma batalha em um cavalo cortado ao meio. Em outra, foi lançado contra uma cidade sitiada montado em uma bala de canhão, ocasião em que passou raspando pela lua. De outra feita, retirou a si próprio e a seu cavalo de um pântano puxando-se pelos cabelos. Este mesmo cavalo, certa noite, foi amarrado em uma cruz à beira do caminho tomado pela neve e, na manhã seguinte, quando a mesma derreteu, o Barão percebeu que o que prendia o animal era a cruz que encimava a torre de uma igreja, com o pobre cavalo amarrado lá nas alturas. E por aí vai.

Já Pantaleão perdeu um olho quando campeava uma rês na caatinga, mas na manhã seguinte conseguiu reavê-lo enganchado num espinheiro. Ato contínuo, colocou o olho na órbita vazia, mas para surpresa sua, percebeu que o mesmo lhe permitia agora perscrutar a própria mente, pois estava virado para dentro.

Alaerte, por sua vez, contava que viajou à Europa e voltou encantado com um novo carro lançado por lá pela Mercedes Benz, no qual, para se andar

à ré, bastava deslocar o volante, encaixá-lo junto à parte traseira e girar o banco do motorista para trás. Em outra ocasião, ao lançar seu anzol nágua, com a noite já feita, percebeu que o mesmo não fazia aquele tibum característico e, ao contrário, passou a girar sobre sua cabeça. Foi quando acendeu a lanterna e viu que havia laçado um morcego em pleno voo.

O Barão, Alexandre e Alaerte mostram, assim, exemplos notáveis da arte de distrair as pessoas através da mentira e do exagero – sem lhes fazer nenhum, mal, diga-se de passagem.

E o capitão Dejair? Na falta de neve, guerras, cavalgadas, aventuras, trabalho pesado na caatinga ou mesmo capacidade de invenção e observação do mundo de forma inteligente, bem como por suas evidentes limitações de vocabulário, ele nem assim deixava por menos e não se pejava em divulgar, a cada dia e com notável persistência, o que um biógrafo ocioso poderia denominar de *Mentiras do Capitão*. Vamos a algumas delas: as mulheres devem ganhar menos porque engravidam; no Nordeste do Brasil as pessoas produzem pouco e por isso a região deveria ter menos recursos do Governo do que realmente tem; pode-se curar a gripe e muitas outras doenças com remédios para matar bernes do gado; aquele Coronel torturador, seu amigo, foi um herói da pátria; nós militares, por natureza, somos pessoas habilitadas a governar não apenas essa p* de condomínio aqui, mas também o país todo. E assim por diante.

Se houvesse no mundo uma espécie de *anti-prêmio* para a mentira encoberta de empáfia, o Capitão, sem dúvida, ganharia meu voto. Neste aspecto, se o comparo ao nobre Barão de Munchausen, este tinha, pelo menos, uma sinceridade que falta aos mentirosos vulgares, particularmente a tal troglodita. Dizia ele que suas aventuras poderiam despertar em alguns a sensação do que teria visto muito mais do que a realidade de fato mostrava e assim duvidarem de suas palavras, mas avisava aos circunstantes que se houvesse alguém com tal disposição ali,

ele, o Barão, ficaria profundamente magoado, neste caso ameaçando despedir-se-ia de imediato. E para arrematar, que isso levaria prejuízos a todos, pois suas aventuras marítimas, ainda não reveladas até então, seriam muito mais maravilhosas do que aquelas já narradas por ele, embora não menos autênticas.

Voltando, desgraçadamente ao Capitão: numa roda de botequim em que ele propagava suas mentiras, dava também detalhes escabrosos sobre a história de um homem que matou seu melhor amigo por ter suspeitado de um relacionamento dele com a esposa. E o Capitão não deixava por menos: *tem que ser assim mesmo!* Eis que um daqueles *Cegos Firminos* que assistia a conversa, pessoa que ele nem conhecida, o inquiriu se o narrador agiria de igual forma, se tal caso acontecesse com ele. O tiranossauro, talvez por ter algo a lhe coçar na frente, saiu de súbito da roda, foi até em casa e voltou armado de uma pistola Gluck zero ponto nove, e pespegou no desavisado inquiridor três tiros, que lhe atingiram crâneo e tórax, tirando-lhe a vida instantaneamente.

Moral da história: Munchausen. Alexandre, Pantaleão, Alaerte nunca fizeram mal a ninguém. Já do famigerado *Capitão*, e de outros tipos assim, não se poderia dizer a mesma coisa.

As sete vidas de Seth

Seth, Job, Isac: três irmãos. Era evidente a referência nominativa da família em monossílabos de origem hebraica – ou egípcia – sei lá. Mas o jeitão do pai definitivamente não expunha pistas sobre a origem de tais designativos. Ele era Melquisedeque, polissilábico e também bíblico (ou seria nilótico?), apesar de sua grossa casca de antigo carregador de caixotes de frutas no Mercado Municipal, depois enriquecido através deste mesmo comércio, com seu curto vocabulário, no qual pululavam palavrões cabeludos,

Mas o que interessa agora é o primogênito, Seth. Pertencíamos a um mesmo grupo de esquina na minha cidade. De forma mais próxima a mim entretanto, os dois mais novos, Job e Isac. Seth era três anos mais velho do que os demais e já frequentava esquinas de outras ruas, em outros setores da cidade, em companhia de caras mais velhos e mais escolados do que nós. Mas ele não nos ignorava ou desprezava de todo, ao contrário, nos aparecia volta e meia trazendo alguma novidade musical, geralmente algum novo hit de *rock and roll*, ao qual éramos logo apresentados através de sua vitrola de 45 rpm, ou então um livreto pornográfico de Carlos Zéfiro, quando não nos presenteando com uma cartela de cigarros mentolados, uma novidade na ocasião. As dádivas que nos trazia logo o transformaram em nosso ídolo. A turma, à falta de melhor entendimento do significado de seu nome o considerava apenas como *Sete*, julgando apropriada a associação de sua pessoa com certos desígnios cabalistas de tal número.

Seth gostava de nos brindar, também com histórias das rodas que frequentava. Ali, caras mais velhos do que nós, muitas mulheres inclusive, participavam de festas de arromba, onde, segundo ele “havia de tudo”, embora fizesse cara de mistério sobre isso, insinuando vez por outra que “ficavam todos pelados”. Ali se bebia também de forma avantajada e corriqueira, não aquelas beberagens ingênuas de Martini doce, com cerejas ou azeitonas a boiar, que junto ao uísque com guaraná era o que nós conhecíamos de nossas simplórias festas de família, que Seth, aliás, ridicularizava. Não! Ali se bebia coisas tão variadas como *Gin*, *Scotch*, *Campari*, soda, que nós ignorávamos o que fossem de fato, em pileques homéricos, geralmente arrematados com *prises* de lança perfume. Deste último ato também nos escapava o significado, mas imaginávamos algo que certamente sabia a pecado ou coisa pior.

Ele nos falava, também, dos passeios e disputas de velocidade e audácia que se produziam no bojo das Lambrettas que alguns possuíam. Um júri formado por alguns dos rapazes (com acesso vedado a mulheres) decidia o vencedor de cada rodada da contenda. Quando por acaso havia empate,

a decisão era feita na pancada mesmo entre os contendores, inclusive com utilização de armas – a nosso ver, terríveis – como navalhas e cabos de aço. Mas ele nos tranquilizava dizendo que tal arsenal era manuseado com cuidado, servindo apenas para dar mais emoção à disputa. *Tanto que ninguém havia morrido daquilo* – nos assegurava.

Seth se esmerava em suas narrativas, trazendo a cada momento casos momentosos, se não um tanto escatológicos. Seu aparecimento em nossa esquina ia ficando cada vez mais raro, mas quando os irmãos anunciavam que ele poderia estar ali em determinado dia, a notícia se espalhava célere pelos quarteirões vizinhos e na mesma noite não raramente estavam reunidos na beira da calçada uma boa dúzia de adolescentes ávidos, a esperar por aquela tertúlia de casos escabrosos. Quando o narrador de fato aparecia, claro.

E havia vertentes diferenciadas em suas narrativas. Por exemplo, as de festas do cabide, com gente nua às dezenas, espalhados por salas e quartos de uma mansão no bairro dos ricos. Ou de *pegas* em Lambrettas, não raramente terminados em pancadaria, individual ou coletiva. Marcante espetacularização ele dava às invasões de festas, com preferência para os bailes de debutantes, se gabando que em uma ocasião foi necessária a presença de quatro radiopatrulhas para dispersar os invasores. E que ninguém saiu dali preso, eis que uma das lideranças da invasão era filho de Desembargador. A gente babava de espanto e até de certa inveja daquilo, desejando que rapidamente chegasse a nossa vez de praticar, ou pelo menos presenciar, de perto, tais barbaridades, coisa que achávamos iria nos assegurar um estatuto de verdadeira maturidade e coragem.

Mas o dia de Seth chegou mais depressa do que ele certamente esperava, fazendo-o esbarrar na página policial dos jornais. E a notícia era simples, direta e estarrecedora: numa dessas invasões de festa de debutantes, o pai da moça saiu no braço com os invasores e acabou sendo esfaqueado, vindo a falecer de maneira quase imediata. E a acusação recaía sobre

Seth, com o agravante de não se ter outro suspeito e mesmo com a confirmação disso por parte de alguns dos participantes do pandemônio. E as manchetes dos jornais vinham vazadas na terminologia da época, ao denominar tais grupos de jovens rebeldes e infratores como *Juventude Transviada*, ou, abreviadamente *JT* – siga que virou sinônimo de rebeldia e, na pior das hipóteses, de delinquência fora da lei.

Nossa esquina se cobriu de luto e espanto, mas também de curiosidade. Teria sido ele mesmo o autor? Não haveria outra hipótese, diante da confusão e do pega-para-capar que teria se estabelecido na porta da malfadada residência? Outra versão era a de que o homem havia morrido de um infarto, não da facada. A notícia provocou grande repercussão na cidade, dada as circunstâncias do evento e a posição social das pessoas envolvidas em ambos os lados do crime. Seth, porém, era peixe miúdo diante de outras figuras presentes no imbróglio, o falecido, inclusive, mas todas as evidências apontavam para a autoria dele. E a própria Polícia mostrou-se pressurosa em achar um culpado e executar as medidas judiciais cabíveis. E assim Seth foi parar na prisão.

A nós, a turma da esquina, restou acompanhar o caso pelos jornais, intoxicados por total sensacionalismo, já que seus próprios irmãos, nossos amigos Job e Isac, potenciais informantes, foram logo recolhidos à casa dos avós, no interior.

O homem das frutas bem que tentou salvar o filho, contratando advogados de renome, mas o dinheiro da parte ofendida falou mais alto e Seth se viu condenado a mais de 20 anos de prisão. E o que foi pior, ganhador de uma notoriedade que abalou as bases morais do pai, que apesar de ser um notório grosseirão, procurava zelar pelo bom nome da família.

E assim se passaram os anos. Uma década depois vi Seth na rua, com aspecto mais maduro do que nos tempos de nossa convivência na esquina, mas ainda perfeitamente reconhecível. Vestia um daqueles

macacões de *hippie*, como ainda nem era moda na época e portava rabo de cavalo preso na nuca. Não demonstrou ter me reconhecido, dado o encontro apenas casual, em uma rua central de nossa cidade. Liguei para um antigo conhecido, também caudatário daquelas histórias tortas que ele contava e este me confirmou que o Seth gozava agora de liberdade condicional, tinha virado *hippie* e morava numa comunidade que plantava hortaliças e outros cultivos saudáveis em uma chácara próxima à cidade. E mais, tinha assumido a liderança da comunidade e inclusive já tinha dado entrevistas a jornais, falando do trabalho desenvolvido ali, que incluía, além dele, alguns ex presidiários e pessoas libertas do uso de drogas. Segundo este amigo, o sujeito agora até viajava representando seus pares em encontros e participava mesmo de um movimento nacional de comunidades do mesmo feitio daquela onde vivia.

Pensei comigo: *como as pessoas mudam!* Mas havia mais mudanças em curso...

Um ano, mais ou menos, depois desse encontro, tive notícias dele, de novo. Era procurado pela polícia e pelo Exército por atividade ditas *subversivas* praticadas não mais dentro de uma comunidade alternativa, mas no movimento estudantil, onde se transformara em liderança, cursando Filosofia. E mais, sequestrara, na sequência, um avião que partia para o Chile e lá desembarcara são e salvo, protegido pelo regime de esquerda à época. E sua foto, na janela da cabine do avião, sorridente e acenando triunfante, de fato estava na primeira página de todos os jornais.

Tempos depois soube mais, pelo mesmo amigo que o acompanhava mais de perto e que me trouxe mais detalhes: asilado no Chile, foi pego de surpresa pelo golpe militar que derrubou Allende e só não foi para a prisão, de verdade, por ter pulado o muro de uma embaixada, asilando-se assim dentro do próprio exílio. Mas me disse mais: tinha contatos com Job e Isac e, se eu topasse, poderíamos procurá-los para saber de mais detalhes sobre o nosso herói. Foi o que fizemos, passado mais um tempo.

Os dois irmãos estavam a par de muito mais coisas sobre a vida do foragido, como logo nos revelaram. Pareciam não aprovar muito as últimas aventuras do irmão, mas no geral pareciam se orgulhar de seus feitos. Além disso tinham fotografias e cartas dele aos montes. Mas já não apenas com origem no Chile...

A Embaixada cujo muro fora escalado por Seth era da Alemanha Oriental, e ele foi encaminhado para algum lugar de lá depois de algumas semanas. Arranjou então um emprego de metalúrgico, mas não se deu bem com a língua e a hierarquia rígida do país e acabou optando por viver em Cuba, para onde conseguiu ser reencaminhado pelos alemães. Na ilha fez um pouco de tudo, colheu cana, frequentou a universidade, casou com uma cubana e finalmente foi designado para uma missão internacional na Bolívia. Ali desapareceu por um tempo, mas voltou a dar notícias meses depois, agora assentado em Cochabamba, participando de um movimento de *cocaleros*, em papel de aparente liderança, mais uma vez. Tinha se separado da cubana e agora quem o acompanhava era uma *cholita* do Altiplano, com sua manta de lã, seu chapeuzinho coco, sua saia rodada e colorida. Isso nós vimos nas fotos que os irmãos mostraram.

Realmente admirável uma vida aventureira e variada assim. Caramba, nunca vi ou imaginei algo igual! Mas Seth ainda conseguiu adicionar mais surpresas àquelas que eu já conhecia – e de certa forma admirava.

Depois de outros tantos anos tive algumas vagas notícias dele e recorri aos irmãos, cujo endereço eu havia guardado. E foi assim: Job me falou de um daqueles programas de TV que tratam de viagens, regiões selvagens, povos nativos, aventuras. E me indicou um vídeo, no qual, me assegurou, eu encontraria notícias mais recentes do irmão, que voltara ao Brasil já havia alguns anos, depois da redemocratização.

E de fato havia uma longa cena com ele, agora bem mais velho, com o rosto pintado com linhas negras e vermelhas; cabelos totalmente

brancos, mas ainda longos e presos em rabo de cavalo; vestido de short, peito nu; com um vistoso cocar de penas coloridas na cabeça, rodeado de indígenas igualmente paramentados. Seth estava em posição central no grupo, abraçado a uma índia bem mais nova do que ele.

A história era logo esclarecida no vídeo e mostrava um fato realmente notável: aquela tribo, do litoral da Bahia acolhera Seth algum tempo antes e ele logo se enturmou por lá, vindo até mesmo a casar com a filha do Cacique. E o mais inédito, com a morte do sogro, fora escolhido como o novo Morubixaba.

Creio que desde Hans Staden e Caramuru não houve algo assim no Brasil. Como é que um sujeito passa de “JT” a *hippie*; líder estudantil e exilado político; metalúrgico na Alemanha; militante político em Cuba; *cocalero* na Bolívia? No caminho se casa com uma cubana, uma boliviana e uma índia! E ainda alcança o posto de Cacique Pataxó no Brasil...

Seth e suas sete diferentes vidas. Tal sujeito era um líder nato, reconhecido em cada lugar que esteve e em cada situação em que se envolveu – para o bem e para o mal.

E que ninguém duvide das surpresas e mudanças que a vida de um ser humano pode oferecer.

As calças do Judas

Há anos atrás, resultado de viagens por regiões insalubres deste país, contraí uma hepatite. Até que me curei logo; em duas ou três semanas já não tinha mais sintomas. O problema foi, para meu azar, que naquela época, na falta de medida mais resolutivas a tomar, os médicos colocavam os doentes hepáticos em longas quarentenas de repouso absoluto. E para piorar, não sei se exatamente os doutores, ou os defensores do senso-comum, ainda acrescentavam: *faça isso ou você*

pode pegar uma cirrose! Puro exagero, mas não havia outra alternativa senão obedecer...

Na época eu era solteiro e minha família morava longe e assim não podia contar com pessoas próximas para cuidar de mim. Mas por sorte eu já tinha a meu lado a preta Luzia, que lavava minhas roupas e dava uma mão na arrumação do quarto e sala onde eu morava, pelo menos uma vez por semana. Menos mal, isso me salvou não só de uma solidão maior, pois meus poucos amigos, além de uma incipiente namorada, passaram a evitar o contato comigo. Também me foi de grande e prática valia, pois aquele estado de repouso compulsório – e acho que também compulsivo – que me foi imposto pelo médico, mal e mal me deixava sair da cama.

- Luzia, me traga um copo d'água, por favor...

- Luzia, pegue o jornal na portaria para mim...

- Luzia, veja se as contas do mês já estão na caixa do correio...

- Luzia isso, Luzia aquilo...

Um dia, junto com Luzia apareceu o Bené, seu filho, garoto de uns dezesseis anos, de olhos vivazes, sorriso fácil e, principalmente, grande – e talvez excessiva – capacidade de comunicação.

- Bom dia Seu Jorge, se o senhor precisar de alguma coisa pode falar comigo!

Luzia endossou o filho:

- Pode contar com ele, seu moço, é esperto como quê e gosta de ajudar as outras pessoas.

De imediato não imaginei que tipo de ajuda o garoto poderia me dar, mas logo apareceram oportunidades para tanto:

- Bené, dá um pulo na banca de revista e veja se a Veja já chegou.

- *Bené, estou precisando de um Sonrisal. Pega uns trocados e vá na farmácia para mim.*

- *Bené, vá na lavanderia e veja se meu terno já foi lavado e passado.*

O rapaz era eficiente. Mesmo nas demandas mais demoradas, como era o caso de buscar uma encomenda nos correios, eu ficava impressionado com a rapidez com que ele ia e voltava – e quase sempre cumprindo com rigor e determinação o que lhe era solicitado. E até com certa criatividade:

- *Seu Jorge, não tinha Sonrisal, eu trouxe Eno. Tá bom assim?*

- *A Veja da semana ainda não chegou, está atrasada, mas eu pedi ao Seu Joaquim da banca para guardar para o senhor que amanhã eu vou lá e pego.*

- *Legal, Bené, obrigado!*

- *Mas se o senhor quiser eu trago uma Playboy...*

Curiosamente, ele parecia considerar as tarefas que eu lhe passava apenas como uma espécie de *parte* de um *todo*. E este *todo* consistia em observar o que ocorria ao seu redor nas caminhadas e vir correndo me trazer as novidades da realidade lá fora. Ou melhor, do que a ele parecia ser a realidade.

- *Seu Jorge, hoje deu polícia no supermercado. Parece que estavam suspeitando de um estuprador escondido lá.*

- *E tem uns faveleiro descendo do morro e espiando as mulheres nos banheiros lá no clube.*

- *Diz que lá no Colégio das Freiras apareceram quatro alunas grávidas – e o suspeito é o Padre que vai lá dar confissão!*

Neste capítulo das transgressões de natureza sexual ele se exaltava e a cada vez parecia querer superar a si mesmo:

- O padre agora fugiu, foi para a Itália, dizem que vai botar uma clínica de abortos lá.

- Aquelas meninas do colégio das freiras? Sei não, tem um bando muito sem vergonha lá.

- Esses dias vi o porteiro daqui do prédio jogando uns beijinhos para a mulher do Capitão que mora no terceiro andar. E ela parece que gostou...

Eita! O tal Capitão do terceiro andar era um sujeito prá lá de mal encarado, que tinha criado caso com alguns vizinhos em baixo e em cima dele, sendo odiado e temido entre os moradores, conforme Luzia, que trabalhava para outras pessoas no prédio, já havia me revelado. Eu via o tal sujeito subir e descer as escadas, num passo de marcha unida, sempre carregando na cintura sua pistola automática do Exército.

Mas ele me trazia mais notícias, cada vez mais picantes:

- Não é que estava passeando no parque, lá para os lados da lagoa e vejo roupas de homem e de mulher escondidas atrás de uma moita?

- ...

- E adivinha, Seu Jorge, quem é que tava nadando nuzinhos por lá?

- Quem era, garoto?

- Hahaha nem imagina! O Capitão mas a muié do Mané porteiro!

- Não era o contrário esta história? O Mané mais a mulher do Capitão?

- Era também, mas agora vi que tinha chumbo trocado. Vê se pode...

Neste ponto da conversa, achei que era minha obrigação alertar o Bené, que eu não sabia ser apenas ingênuo ou mesmo mal-intencionado, quanto ao risco de se propagar fofocas, ainda mais se tratando de gente de má catadura, como certamente era o caso do tal Capitão. Ele deu de ombros...

Os dias se passaram, eu comecei a ficar sem náuseas, o apetite melhorou, minha urina voltou à cor de sempre, a namorada resolveu reaparecer. Enfim minha vida foi tomando o curso normal. Mas achei por bem não estimular a “criatividade” do moleque, porque eu já percebia que ele era movido pelo combustível da curiosidade.

Mas eis que um dia ele me chega pálido e ofegante:

- Seu Jorge, tenho que dar um jeito de desaparecer daqui por uns tempos!

- Calma garoto, o que aconteceu? Suas histórias, garanto, estão complicando sua vida...

Ele então me revelou seu drama. Ele simplesmente resolveu pregar uma peça no Capitão, quando, segundo ele, surpreendeu os banhistas nus. E escondeu as calças do homem, se mandando dali em seguida. Achou que estava a salvo, mas tinha acontecido uma coisa complicada. Ele havia cometido um erro terrível. Tanto que agora estava até com medo de ser morto por causa daquilo.

- Desembucha garoto infeliz! O que aconteceu?

- O senhor não imagina. A moçada da rua estava preparando uma festa junina e iam queimar o Judas. Mas precisava de roupas para fazer o boneco e faltava justamente uma calça. Eu sabia onde tinha uma escondida e fui buscar...

- Caramba! E aí?

- *Aí vieram me contar: o Capitão passou por lá e danou a perguntar a todo mundo quem é que tinha trazido aquelas calças para o Judas que ia ser queimado.*

- *Tá maluco, Bené...*

- *E não teve um infeliz lá que me dedou? Falou pra ele que fui eu que apareci com aquilo!*

- *Se deu mal, hein...*

- *E agora o que eu faço? O Senhor não podia me esconder em sua casa por alguns dias?*

- *Vou pensar...*

- *E agora o que eu faço! Minha vida vai se acabar!*

Ó dilema! Morando neste apartamento de um quarto, onde mal consigo espreguiçar de forma confortável, mal e mal recuperado de uma hepatite, com a namorada agora a me procurar cheinha a de amor prá dar... Logo nesta hora me aparece um pedido assim, homiziar um quase assassinado! Só mesmo me escondendo por alguns (ou muitos) dias.

E agora o que eu faço? – me pergunto eu.

O Rio do Esquecimento

Vagou pelo terminal de ônibus horas a fio. Ele mesmo talvez não soubesse dizer quanto tempo andou por ali. Chegara ali quando a manhã ainda estava fresca e agora, com o sol já se pondo, ainda estava por ali. Procurava um lugar para ir, se afastar de lembranças ruins, de uma vida que lhe trouxera tanto desgosto, apesar de sua juventude, pouco mais do que vinte anos. Ainda não sabia bem para onde ir, queria acima de tudo um lugar bem longe, para se afastar dali, para nunca mais voltar. Uma

passagem para o esquecimento, se isso fosse possível. Mas ele o faria acontecer.

Os ônibus para as cidades mais distantes só saíam à noite e agora, com o cair da tarde, sentiu que já podia se preparar para finalmente partir. E viu que havia uma saída promissora para daí a pouco, para dez horas de uma viagem que ele pretendia sem volta. E assim comprou a passagem e aguardou, tendo como almoço e jantar, ingeridos de uma vez só, dois pastéis e um caldo de cana. Era o que lhe bastava.

Dentro do ônibus, julgou-se com sorte por não ter ao lado qualquer companhia. Seus receios eram grandes e chegou mesmo a pensar que alguém assim tão próximo poderia, quem sabe, lhe adivinhar os pensamentos que atravessavam sua mente. Mas nem por isso conseguiu adormecer. Atravessou a noite se mexendo inquieto na poltrona dupla, desceu em todas as paradas para tomar café e assistiu os primeiros clarões do dia, sem que isso lhe atenuasse os incômodos.

E assim finalmente chegou ao destino escolhido. Mas não era ali que ele pretendia se deter. Era preciso seguir a diante, ganhar distância daquilo que tanto o perturbava. Vagou por mais uns momentos pela decrepita estação rodoviária e logo escolheu uma nova condução, não tanto pelo destino inscrito no letreiro, mas pela conveniência da hora de saída, quase imediata.

Não ia longe o tal ônibus. Apenas uma viagem de pouco mais de meia hora, logo estacada, à beira do grande rio. Ali havia conexão com outro veículo, da mesma empresa, que aguardava, na margem oposta, que os passageiros atravessassem o rio na balsa.

O lugar era a desolação personificada. Meia dúzia de barracos improvisados, cobertos apenas pela habitual lona preta, a abrigar os eventuais passageiros da travessia. Para o matar e tempo de espera, ali se vendia apenas biscoitos envelhecidos, refrigerantes e cerveja quentes, e nada mais. Como banheiros, apenas as moitas ralas de vegetação beira-

rio. O zumbido das varejeiras denunciava o estado de desmazelo presente.

E ele fez o que os demais fizeram, desceu na barranca, tomou a balsa, mas não subiu no veículo que esperava a todos do outro lado. Preferiu tomar um caminho paralelo à estrada e por ali seguiu, sujando os sapatos na poeira rala.

- Como? O senhor quer saber se eu vi um sujeito assim e assado por aqui? Por esta balsa passa tanta gente... Mas do jeito que o senhor descreve, magro, vestido de paletó e calça social, carregando nas costas uma mochila colorida, uns vinte anos de idade... Pensando bem acho que vi. Já faz uns dias. Parecia meio estranho, não sei se triste, ou só distraído. Bem diferente das outras pessoas que geralmente passam por aqui, gente que eu conheço um por um, pois que são os mesmos quase sempre. Fui cobrar a passagem e ele só tinha uma nota grande, de cem. Não tinha troco e deixei pra depois. E nem cobrei. Volta e meia acontece isso. Ou melhor, acontece é de a pessoa não ter nenhum dinheiro no bolso. Povo aqui é por demais pobre, o senhor deve saber. Muita gente acaba atravessando de graça. O patrão sabe e já nem se incomoda. Aliás já vejo o dia que ele vende esta geringonça e vai embora também, ainda mais agora que o governo promete que vai fazer uma ponte prometida, pouco mais de uma légua daqui. E vai morrer não é só este negócio que meu patrão herdou do pai dele, mas também essas bibocas que vendem biscoitos de polvilho e cachaça aqui na beira. Eu mesmo caio fora, vou procurar uma cidade maior, em vez de ser cobrador de balsa vou ver se arranjo ocupação melhor na capital. Ou no Monte Formoso, aqui perto. Eu tenho parentes lá. Mas inda que mal lhe pergunte, porque o senhor procura pelo homem do paletó? É parente dele? Não é? Alguma questão de dinheiro devido? Tá bom, desculpa, sou meio enxerido mesmo... Não vi direito o tal moço. Me contaram

que ele não pegou o ônibus do lado de lá, que seguiu a pé. Ouvi falar até que viram ele já distante daqui, num povoadinho a duas léguas. Mas isso tem que conferir diretamente. O povo daqui é muito falador. Ah, lembrei também que ele andou perguntando coisas aos outros passageiros. Parece que queria saber do que tem mais adiante, alguma cidade, povoado ou coisa assim. E nem tem. Daqui pra frente é um vazio de dar medo, a não ser uma al de Cabeceiras, lugar onde Judas perdeu as botinas, não passa de uma corrutela. Mas não disse nem pau nem pedra quando lhe informaram. Ficou com a mesma cara de estátua com que chegou. Lembro também que ele entrou na birosca ali da barranca e comeu alguma coisa, isso é, uma daquelas coisas que tem lá, quase nada, uns biscoitos muito sem-vergonhas. E depois caiu na poeira. Não sei mais nada.

Era um inconformado com o mundo, parece que esquecer dele era tudo que queria. Seu dilema ficou evidente, quando enviou para o tio com o qual se dava bem uma carta, algumas semanas antes de desaparecer.

Tio, acho que poucos me entendem, mas você parece ser uma exceção neste mundo tão estranho. Quero que me ouça, pois você, ao contrário de meus pais e irmãos mais velhos, conhece o mundo, contra ele se rebelou, fiquei sabendo, quando saiu da casa de seu pai, meu avô, aos quinze anos de idade e esteve desaparecido por um bom tempo. E voltou, encarando a fúria e a incompreensão da família. Ninguém, então, esteve do seu lado naquela ocasião, mas pode ter certeza que tantos anos depois, como eu faço agora, um parente seu pode finalmente lhe dizer que compreende – e muito – suas atitudes de jovem. Eu só lamento que deixei passar, em dez anos, a idade em que você cometeu a grande ousadia de se libertar, mas para mim ainda é tempo, com certeza. Estou disposto a encarar, como você um dia fez, com tão grande coragem, o afastamento desta família que representa para mim uma grande barreira à minha

realização como pessoa. E respeito muito em você a capacidade de escrever, esses contos e poemas que publica e que eu acompanho com admiração.

Aquela fala de rio e sertão deu a pista para onde ele deve ter ido. Na infância acompanhara o tio e outros parentes mais velhos em caçadas algumas vezes e havia um lugar marcante nessas viagens, a travessia do grande rio, para além da qual existia o Sertão desconhecido, com suas feras, suas lagoas piscosas, suas brenhas infindáveis. Ali aprendera os segredos de uma pescaria e de uma espreita de caça pela noite a dentro. Era o mais jovem naquela turma, mas levava seu papel muito a sério, quando era encarregado de ajudar no preparo das matulas, no carregamento das mulas ou dos barcos. Não poucas vezes dissera ao tio que naquele lugar o mundo era outro e que era ali que um dia gostaria de viver. Nas longas conversas do tio com os companheiros mais velhos, nas noites de luar, à beira de uma fogueira, sempre se recolhia com os últimos e mesmo assim por insistência do tio.

Não foi difícil para o tio refazer aqueles caminhos que o sobrinho tomara, entre a esperança e o desespero. Aquela carta dizia mais:

O fato é que já não consigo viver debaixo do mesmo teto de um homem cuja única qualidade na vida é a de jamais se insurgir frente a nada, autocondenado a uma aposentadoria precoce que o transformou em um zumbi antes de completar cinquenta anos. Passivo perante a vida e totalmente agressivo com sua mulher e filhos, particularmente comigo, que ele considera estar sempre fugindo de responsabilidades e muito me castiga por isso. Como se ele pudesse agir assim com alguém, levando a vida que leva, passando a semana em total ociosidade, jogando truco com os amigos em longas tardes vazias. Não. Não posso! Como aceitar

também essa mãe que aceita tudo que vem dele, pactuada com ele apesar dos maiores absurdos que comete? Incapaz de se contrapor a ele e apoiar os filhos em quaisquer circunstâncias. Não quero mais. Vou tentar levar minha vida em outro lugar, não me importa mais esta família. Tê-la ou não tê-la, para mim tanto faz. Aliás, Tio, este mundo todo também não interessa mais. Aqui, quatrocentos mortos num barco naufragado não valem mais do que uma pequena nota no jornal, enquanto o afogamento de meia dúzia de magnatas rende dias e dias de polêmica na TV. Não é para mim. Vou para longe, para o sertão de algum lugar. Atravessar o rio em busca do esquecimento, isso é que eu quero e para onde eu vou.

Na venda tosca de beira-estrada, duas léguas além do porto, o dono já lhe deu pistas preciosas:

Sim, vi, passou por aqui um rapaz assim, bem do feitio que o senhor está falando. Não sei para onde teria ido, talvez para Cabeceiras de Cima, uns 50 km daqui. Chegou a pé, mas preferiu seguir de ônibus. O final da linha é lá. Com certeza não foi longe. Aqui agora tem gente chegando a toda hora. O senhor veja agora na estrada aquele caminhão... É da firma de fora que está construindo uma obra grande em algum lugar não mito longe daqui. Quem sabe este moço não foi para lá, para arranjar trabalho? Isso aqui ficou movimentado de uns tempos para cá. O que vão fazer lá? Ainda não sei, mas estão contratando gente adoidado. Um amigo que esteve por lá me disse que por enquanto o que há é só um buracão, enorme.

Na cidade chamada Cabeceiras de Cima, lugar parado no tempo, mas estranhamente sujeito, nos últimos tempos, a frenéticas movimentações de pessoas, as notícias eram ainda mais frescas:

O moço magro e alto, meio caladão? Esteve por aqui uns dois ou três dias. Andou pelas ruas aí como quem não quer nada – ou pelo menos queria conhecer o lugar. Mas aqui em Cabeceiras em qualquer meia hora já dá pra conhecer tudo. Essas duas ou três ruas e depois a barranca do rio. Se pode atravessar? Até que pode, mas do lado de lá só tem umas fazendas, cada uma longe da outra. Só vão lá os empregados dos fazendeiros, ou então os compradores de gado, certa época do ano. Mas o moço esteve por aqui com certeza. Tenho a impressão que ele resolveu fichar na empresa que está explorando minério no Monte Formoso, que fica do lado de cá mesmo, distante uns 60 km, mas na direção contrária de onde o senhor veio. Eles passam aqui toda semana procurando gente para trabalhar. Tá todo mundo indo para lá, parece que tem uma reserva de um troço, ‘lichio’, ‘lílio’, um nome assim, que dizem que serve pra fazer baterias, satélites, aviões, sei lá. Só sei que tem muita gente se mandando para lá. Só engenheiros gringos já passaram por aqui uns trinta. Aqui no hotel mesmo, onde só apareciam uns mascates, agora todo dia tem hóspede novo. O patrão já está pensando até em aumentar uma ala. Já era hora deste lugar sem vergonha tomar jeito. Cá entre nós, até as mocinhas-da-vida da rua aí de trás estão animadas com o aumento da clientela. Mas isso o senhor não espalha, porque o patrão aqui é dono da boate que elas trabalham também. Boa sorte em sua procura, moço, mas o que penso é que este sobrinho seu deve ter caçado o rumo do Monte Formoso também. Tá todo mundo indo pra lá. Eu só não fui ainda porque tenho uma mãe velha e doente para cuidar.

Acho que não preciso procurar mais, pensou o tio. Mas de toda forma estava preocupado com as dificuldades que o sobrinho poderia estar enfrentando. Um moço que até então só estudara, com todo o conforto de uma família por perto, apesar daquele pai meio malandro e pouco afeito a compreender as necessidades dos filhos. Mas pensando bem, não seria

algo assim bem radical que o moço estava procurando? Uma libertação dura e sofrida, mas sempre uma libertação. E o tio bem sabia o que era isso.

Lembrou-se de sua própria fuga da casa dos pais, ainda em plena adolescência. Dormira na rua, fora assaltado, apanhara de uns moleques, mas ainda assim lembrava ainda muito bem do seu regozijo por ter rapidamente se transformado em homem, mesmo sendo ainda pouco mais do que um garoto. Já na primeira noite fora de casa, dormindo no porão de uma igreja, infestado por piolhos de galinha, mesmo assim se sentiu livre e feliz. Assim vivera por três anos inteiros, ganhando algum dinheiro com pequenos trabalhos, passando frio e fome por vezes, mas sem deixar de lado em nenhum momento, a certeza de que o que fazia era a coisa certa. Voltou para casa quando o pai morreu, para consolar a mãe e pouco meses depois tomou rumo definitivo na vida, por vários lugares do país e mesmo no estrangeiro, conhecendo cidades, amigos, mulheres, costumes e culturas sempre muito variadas. E nunca se arrependera. E naquela vida movimentada construiu sua personalidade e profissão, descobrindo o verdadeiro talento que tinha, que era o de escrever. E histórias não lhe faltavam.

Embora preocupado, o tio carregava a impressão de que o jovem repetia sua saga, conscientemente, pelo visto, e não poderia recriminá-lo por isso. Resolveu, então, aguardar notícias dele, pois tinha certeza que elas viriam, mas resolveu dar por terminada suas buscas ali em Cabeceiras de Cima mesmo.

Além do mais esta é uma linda história, pensou o tio, mesmo que repita uma saga de tantas décadas antes. Quem sou eu para interrompê-la ou mesmo recriminar seu personagem? Concluiu que o moço devia mais era seguir em paz.

Tio, você nem imagina o lugar onde vim parar. E digo mais: pretendo ficar por aqui uns tempos. Não é lugar bonito, nem agradável. Cheio

de poeira, um tanto de homens brutos e suados por toda parte, comida miserável, preparada e servida em biroschas inimagináveis. Para dormir uns beliches toscos, cercados, por cima, dos lados e em toda parte por tipos suarentos, que cheiram mal, roncam e soltam gases pela noite a fora. Mas por incrível que pareça, aqui tem vida, tio. E acredite, arranjei emprego! Como entendo um pouquinho de computador me botaram num setor que registra o movimento dos caminhões que removem o entulho de uma mina que escavam por aqui. Uma riqueza, este tal de lítio. Está cheio de gringos para pegar uma beiradinha. E um monte de gente sendo explorada também. Fiz uns amigos novos aqui, gente completamente diferente daqueles que conheci quando morava aí na cidade. O principal deles já morou em várias partes do país, sempre lidando com mineração e garimpos. Mas negócio dele não é bem ficar fuçando terra e cascalho, que nem minhoca. Ele trabalha com um povo de fora e a tarefa dele, como ele disse para mim, é “organizar o movimento” por aqui. E sei muito bem o que é isso, ou melhor, estou começando a entender, com as conversas com ele. Este povinho sujo e suado precisa deixar de ser explorado! É impressionante o que acontece por aqui. As pessoas são maltratadas para trabalhar, para comer, para dormir. Assistência médica eles falam que tem, mas é um vapt-vupt, um atendimento de quarenta pessoas por hora, por um doutor que mais parece um açougueiro. Ninguém pode trazer as famílias pra morar junto, mesmo os que são aqui na região. E pelo que sei, uns poucos que reclamaram foram logo despedidos, sem direito a nada. Eu tenho participado junto com o Cesar – este é o nome do meu amigo – de umas reuniões com o povo do sindicato, que vem de fora para dar apoio aqui. Coisa meio secreta, porque se os capatazes pegam, dá demissão na certa. Dá um frio na barriga, tio, mas ao mesmo tempo uma sensação gostosa de estar envolvido em uma coisa que faz diferença. Comecei, por estes dias, a ler umas apostilas que os sindicalistas trouxeram e logo devo fazer uma entrevista com o coordenador. Se der tudo certo vou trabalhar junto com o Cesar, para

também ajudar na “organização do movimento”. Eita coisa boa! A gente sofre, mas tem compensações. É isso aí, meu tio, continuarei dando notícias. Não me canso de lembrar aqui das histórias que ouvi na família, de um certo tio meu que fugiu de casa aos quinze anos de idade, para fazer de sua vida algo que valesse a pena. É o que eu quero também. Abraço você com saudade e gratidão!

Muito querido Sobrinho, que emoção! Que bruta emoção! Você é que nem uma mina de lítio, só que a jorrar sentimento e consciência em todas as frentes. Inveja é o que eu tenho de você, admito. Mas ao mesmo tempo orgulho, muito orgulho, principalmente de saber que as doideiras que fiz na juventude estão a lhe inspirar, tantos anos depois. Você sabe que tenho mania de escrever coisas – mas também gosto de ler. E estou me lembrando aqui da mitologia grega, que fala de um rio chamdo Lethe, palavra que literalmente significa “esquecimento”. Seu oposto é Aletheia, que tem o significado de “verdade”. Para os gregos, parece, esquecer seria então o mesmo que “mentir”. É preciso não esquecer, portanto, e é por isso que fico honrado com suas lembranças sobre a minha pessoa. O tal rio dos gregos era um dos rios de um território sagrado, o Hades. Aqueles que bebessem de sua água ou, até mesmo, tocassem nela, viriam a ser amaldiçoados pelo esquecimento de tudo que viveram até então, seja individualmente, no presente ou em vidas passadas e mesmo em sua herança familiar e cultural. Em outras vertentes de pensamento se fala de um outro rio, o Mnemosine, cujas águas fariam os mortais recordar e alcançar a verdade e até mesmo a onisciência. Na Divina Comédia, Dante fala do Lethe como um rio cujas águas os pecadores tinham de beber para apagarem da memória os seus pecados cometidos. Veja só em que águas estamos agora navegando, meu querido! Você buscava atravessar aquele grande rio para procurar o esquecimento. Quase conseguiu, mas mais adiante parece que de com outro manacial, agora carregado de

verdade e consciência sobre o que é de fato a realidade da vida. E eu, do alto dos meus setenta anos, torço por você, com todo meu sentimento. E bem que queria que me fosse possível pegar carona no cometa de sua energia vital, tão grande ou maior que a minha de muitos anos atrás. Você traz dentro de si um bloco energético desse tal de lítio, maior do que o próprio Maracanã. Que Aletheia lhe abençoe! Conte sempre comigo!

Os trabalhos de Éricles

Este nome esquisito é o meu. Ouvi dizer que foi um erro do escrevente no cartório, ignorante que só ele mesmo. Meu pai queria, na verdade, que eu me chamasse Hércules, mas como ele estava viajando quando fui registrado, ficou por isso mesmo. E a maioria me chama assim, por este nome meio fora de propósito. É um chamamento no qual nem cabem apelidos. Um padre estrangeiro que reza missas aqui de vez em quando me tranquilizou, explicando que em sua terra tal nome existe de verdade e se escreve assim mesmo. Menos mal.

Mas foi por ele mesmo, o tal nome, que custei a entender, mudado que foi para *Eurico*, que ouvi no autofalante da rodoviária, para comparecer a um ponto de encontro, porque lá uma pessoa me esperava. Só podia ser ela, Eurídice, minha cunhada, sempre atrasada, inclusive em um momento como este, tão especial para nós dois. Ou importante pelo menos para mim, acho.

E lá estava ela, linda como sempre, mas com um olhar de preocupação. De cara vi que tinha algo errado: ela não carregava mala ou mochila, mas apenas uma bolsinha a tiracolo, ao contrário do que fora combinado entre nós. Aquilo não era bagagem para a viagem que combinamos fazer.

Eurídice é mulher de meu irmão mais velho. Aliás, meu único irmão, e só por parte de pai. Aristeu é o nome dele, somos uma família que carrega nomes esquisitos, como os primos Menelau, Heráclito e Esperidião. Meu pai tinha o nome de Anfitrião – isso mesmo, acreditem – embora não fosse muito de ser gentil com as pessoas e ter pouca simpatia por qualquer tipo de visita. Pior era o nome de meu avô, que se chamava Zeus...

Mas vejo que estou exagerando nos detalhes. Melhor retomar o caminho mais reto.

Meu pai ficou viúvo em seu primeiro casamento, tendo com sua mulher Espéria só um filho, esse Aristeu de quem falei. Daí, casou-se de novo, desta vez com Ismênia, que é minha mãe. Fomos criados juntos, Aristeu e eu, ele um par de anos mais velho do que eu. Para dizer a verdade, não chego a me lembrar de um só momento que tenhamos convivido com harmonia na nossa infância e juventude, pelo contrário. Aristeu frequentemente me batia, tomava meus brinquedos e ainda tinha o costume de me denunciar a nosso pai por malfeitos meus que ele inventava a cada momento. Minha mãe bem que tentava me defender, mas quem disse que aquele velho turrão, o terrível e mal nomeado Anfitrião, acreditava em mim ou nela?

Meu pai faleceu faz muitos anos. Ismena sobreviveu a ele e vive comigo e meu irmão em nosso sítio, onde plantamos hortaliças, tocamos uma rocinha de milho irrigado, criamos umas vaquinhas e também uns porquinhos. Aristeu pouco se importa com minha mãe, que afinal não é dele também, ao contrário de mim, que tenho por ela um grande amor, procurando confortar e proteger esta pobre criatura, sempre. Aristeu conheceu esta Eurídice, de que já falei, numa feira de gado e veio a se casar com ela depois de poucos meses de namoro. Mas mesmo casado com uma criatura doce, vejo nele o mesmo Aristeu de sempre: turrão, grosseiro, lacônico, desconfiado. Puxou em tudo o velho Anfitrião. Logo vi que Eurídice, tão formosa e delicada, tinha pouco a ver com ele, numa

relação quase incompatível, para dizer pouco. Não sei realmente como ela foi cair em tal armadilha.

Aristeu se considera o verdadeiro dono da propriedade em que vivemos. Ele tem certa razão, porque quando o velho Anfitrião se casou com sua mãe Espéria, o sítio pertencia à família dela, de longa data. E meu pai nunca fez questão de deixar isso acertado em qualquer cartório. De modo que sou tratado aqui não como parte da família, mas como um empregado comum. Aliás, devo dizer, há outros serviçais aqui que são mais bem acolhidos e respeitados do que eu.

Nas tarefas do sítio, sempre fico com a pior parte. As bicheiras do gado, por exemplo, quem cura sou eu. Buscar a Estrela, aquela mula desgraçada que morde e dá coices, além de se esconder nas grotas e capoeiras, de madrugada ou debaixo de chuva, também sempre fica a meu encargo. Uma cobra aparece dentro do curral ou no paiol, é a mim que recorrem. A roda d'água mostra algum enguiço – *chamem o Éricles*, é que sabem dizer. E ainda me fazem ficar de tocaia quando por acaso um bando de ciganos aparece por aqui, e para isso não me cedem nem mesmo a cartucheira de meu irmão, mas apenas uma garrucha velha e enferrujada, que nem sei se atira de verdade.

O cachorro do Juca, um outro agregado, ficou louco, babando feito uma vaca e querendo morder todo mundo. Quem foi chamado para dar conta dele? Eu, claro. Mas com uma boa paulada mandei o dito cujo para o quinto dos infernos.

Outro dia me incumbiram de limpar sozinho o chiqueiro dos porcos. Aquilo estava sem nenhum cuidado há meses e meses, numa fedentina de dar medo. O Quinzinho, o camarada que cuidava de lá, tinha ido visitar a mãe em outra cidade e nunca mais voltou. Acho que o monte de esterco da porcada já chegava a uns dois palmos. Fui fazendo aquilo quase a vomitar com a catunga aumentada pelo calor do dia, atazanado

por mil e uma moscas. Num canto havia uma cascavel bruta, erada, e ela quase me atacou. Se não fosse aquele chocalho acho que nem estaria aqui uma hora dessas.

Mas eu que não sou bobo nem nada, dei conta do recado. Desviei o rego d'água, que passava ao lado, para dentro do chiqueirão e deu até gosto de ver aquele bosteiro todo rolar por água abaixo, para finalmente se soverter no corguinho. Aristeu veio conferir o serviço e ao invés de me elogiar, ainda disse que de um troço mal feito como aquele só eu mesmo seria capaz.

Meu irmão a cada dia inventa serviço novo para mim. Agora, por exemplo, me pôs para vender alfaces e rabanetes na estrada. Passei o dia no sol e na poeira, sem comida e no final ainda tive que ouvir que não me esforço o bastante. Ele não percebe que o povo daqui não come essas coisas de rabanete e verduras, muito menos alface. O pessoal gosta mesmo é de suã de porco no arroz, bem untado de preferência. Ali na estrada não tive nem mesmo uma água fresca para beber... Ou melhor, Eurídice ficou com pena de mim e apareceu por lá com uma bilha d'água. E ainda puxou conversa, dizendo que não concordava com os modos de Aristeu comigo, pois achava que eu não merecia coisas assim. Ganhei meu dia.

Ah esta Eurídice! Que pessoa legal, completamente diferente da peste do marido. Ela me trata muito bem, tem simpatia mesmo por mim. E de minha parte é assim também. A gente às vezes pega de conversa, por horas a fio. Boa pessoa a minha cunhada!

A derradeira tarefa que Aristeu me arranhou foi a de vigiar o primo Menelau, que segundo ele andava roubando coisas. Um colar de sua esposa havia desaparecido e ele suspeitava do nosso primo. Duvidei. Ando muito com Menelau e nunca o vi fazer uma coisa dessas. Como Eurídice agora ficou bem amiga minha, comentei com ela o acontecido, e vi que ela ficou meio transtornada, querendo saber detalhes de tal

assunto. Eu só sabia daquilo por alto, pelo tipo de ordem que Aristeu me dera, mas prometi procurar mais informações.

Eurídice mais tarde me procurou para fazer revelações estranhas, mas que na verdade combinavam bem com o temperamento de Aristeu. Ela me falou do desaparecimento do colar, mas passados alguns dias, ao guardar umas roupas lavadas do marido, descobriu a peça na gaveta da cômoda onde ele punha as cuecas. Para ela havia maldade nisso, vontade de envolver o primo em alguma intriga. De passagem, me disse ainda que apreciava muito a pessoa de Menelau e que detestava vê-lo ameaçado pelo marido, e que procurava uma solução para protegê-lo. Me contou também que sua vida com Aristeu estava pela hora da morte e isso a fazia sofrer muito, tendo ele recentemente sido violento com ela, sem entrar em detalhes. Sobre Menelau, disse que nem que lhe custasse o próprio casamento, no qual já havia perdido as esperanças, iria tentar salvá-lo das garras de Aristeu.

Isso me pegou de surpresa, não por me fazer confirmar a ruindade de meu irmão, que não era dirigida somente a mim, pelo visto, mas também porque nos últimos dias eu e Eurídice tínhamos nos aproximado muito e eu até começava a achar que estava surgindo algo fora do normal entre nós. Alguma coisa bem proibida e que me matava de medo, por causa de Aristeu, mas ao mesmo tempo me enchia o peito e me tirava o fôlego. Eu estava sob o impacto de um fato acontecido alguns dias antes, quando depois de um longa conversa comigo, Eurídice se despediu com um ligeiro beijo no rosto – e isso me deixou transtornado. O coração acelerou e eu nem consegui olhar para ela, muito menos retribuir o gesto.

Era uma coisa doida. Por um lado, uma sensação de aleluia, forte demais, como nunca havia sentido. Mas por outro, o medo de que meu irmão viesse para cima de mim insinuando coisas. Nada foi como antes depois disso entre eu e ela, pelo menos de minha parte, esta é a verdade.

Eu tinha agora um grande dilema nas mãos, que situação! Dar conta daquele frio na barriga e no descompasso do coração. Ao mesmo tempo avisar Menelau que havia desconfianças de Aristeu com relação a ele. Mas também desejava vê-lo longe de mim e de Eurídice, pois eu suspeitava que houvesse entre os dois alguma coisa especial e diferente, pois as reações de minha cunhada me pareceram suspeitas, mais fortes do que uma simples amizade poderia gerar. E eu, como ficava nessa história? Que confusão, meu Deus do céu...

E assim aconselhei o primo que desaparecesse por algum tempo, até que Aristeu mudasse de atitude – se é que ele faria isso. Mas deixei claro que meu irmão parecia disposto a tudo. Em se tratando de um sujeito de maus bofes como ele talvez até cogitasse de mandar matá-lo. Menelau me disse que já era sua intenção se afastar e que faria isso no máximo em um ou dois dias, tendo até conseguido um serviço na fazenda de um tio, que morava a um dia de viagem de nós. E me disse mais: sabia que Aristeu tinha desconfianças dele com relação a Eurídice. Ele já os tinha visto conversando a sós por duas ou três vezes e ficara enciumado com isso, chegando até a dar uns tapas na esposa. Me abismei, pois Eurídice que parecia tão próxima a mim agora não me falara sobre isso, a não ser de maneira vaga. Acho que a esta altura eu já estava era com ciúmes.

O ponto mais delicado de minha conversa com Menelau foi quando ele me disse que de fato amava secretamente minha cunhada e que já tinha até conversado com ela sobre isso, inclusive propondo fugirem juntos dali. Ela ficou de pensar, sem negar de todo tal possibilidade, mas ele achava que mais dia menos dia poderia acontecer. Deus do céu, era tudo o que eu não queria ouvir! Eu me via como um bobo apaixonado, totalmente sem chance de ser feliz com a mulher que já sentia amar, quase perdidamente. Logo eu, que também ansiava por não só proteger Eurídice, mas sobretudo ficarmos juntos.

Foi quando Aristeu me chamou para redobrar a vigilância em Menelau, pois desconfiava que ele ia fugir. Me disse que agora tinha outros planos para ele e que por isso era preciso mantê-lo sob vigilância permanente. Isso só confirmou minha suspeita de que tramasse um assassinato. E eu, inocente, no meio daquela confusão toda.

Resolvi procurar Eurídice, para dizer a ela que desse um jeito escapar também, mas não para o lugar onde estava Menelau, mas sim para a casa de uns parentes, em outra banda, onde ela estaria mais bem protegida, enquanto não encontrava uma boa maneira de deixá-la segura. Viagem em minha companhia, claro. Ela aceitou, sem saber exatamente que meus planos eram favoráveis a mim mesmo, pois minha intenção era de me declarar a ela no decorrer da fuga, além de tentar convencê-la que juntos eu poderia protegê-la melhor. E *juntos*, para mim, significava exatamente isso: *juntos, de corpo e alma*.

Mas quantas voltas a vida dá...

Marquei com ela, um tanto às pressas, aquele encontro na rodoviária, para que pegássemos um ônibus e fugíssemos, simplesmente, para ficarmos longe das garras de Aristeu. Quase caí para trás quando Eurídice veio me dizer que havia desistido da viagem. E me ofereceu o veneno em dose dupla, pois na sequência, depois de alguns minutos, me confessou que Menelau fizera contato com ela e assim combinaram que ele iria esperá-la em outro lugar, para que dali caíssem no mundo. E no dia seguinte ela daria início ao plano.

Foi como se eu tivesse caído de um edifício de trinta andares. Fiquei sem fôlego e sem palavras. E o que é pior, tinha que admitir que toda minha conversa com ela tinha sido apressada pelo sufoco dos acontecimentos, e que talvez grande parte das decisões que julgava serem minhas e dela, estavam apenas na minha cabeça. Afinal, ela havia concordado que eu a

ajudaria a escapar de Aristeu, mas ficar comigo era certamente outra história.

Lembrei de uma música, que fala de *um desejo de morte e de dor...*

Da rodoviária voltei para meu quarto enlouquecido, não sem antes passar na venda e comprar uma garrafa de rum e um litro de Coca-Cola. Fui aos infernos. Na minha cabeça só passavam intenções malévolas. Eliminar aquele diabo do Menelau não seria a solução? Colocar veneno de rato na comida do Aristeu? Cair no mundo, desaparecer? Atazanar a vida no novo casal até quem sabe, encontrar um jeito de fazer Eurídice cometer adultério? Mas o que fazer com minha mãezinha? Só ideias tronchas me vinham à mente.

Acordei tarde, no dia seguinte, com um tremendo gosto de corrimão na boca. Aristeu batia na porta do quarto, vociferando sobre meu atraso para as tarefas do dia. Avisou, de passagem, que iria à cidade “tomar umas providências” – e eu bem imaginei quais seriam. Fui começar meu trabalho, resignado, mas o que me ocupava de verdade a mente nesse momento era outra coisa, a vingança. Não sabia como, mas ela aconteceria. Nem que me custasse outra dúzia de tarefas ainda maiores do que aquelas que eu cumprira até agora. Vencer serpentes e cães loucos, domar uma mula renitente, remover uma tonelada de bosta – tudo isso era apenas um tira-gosto para o que me aguardava de agora em diante. O mundo ia ver, sim: eu iria à luta!

Segredos de família

Eu fazia aquela viagem a cada quinze dias. Obrigação que a firma me impunha. Isso foi antes da era da internet, quando tudo dependia da presença física das pessoas. Gosto muito mais das coisas como são hoje,

mas naquele tempo era se submeter ou perder o emprego. E eu precisava do salário pingando na conta no final do mês.

No começo ia de carro mesmo. Mas a firma, distribuidora de adubos e venenos do interior de São Paulo, começou a negacear com as notas de gasolina. Assim me restou o ônibus, pela noite a dentro, quinta feira sim, quinta feira não. E eu já ia me acostumando com aquilo. Nada como um homem que precisa de dinheiro para se acostumar com as agruras da vida – e do agronegócio.

O pior é que eu precisava também de um mínimo de sono, pelo menos que durasse a metade daquela viagem de seis horas. No dia seguinte tinha que enfrentar uma carreira de reuniões que não raro entravam pelas noites de sextas e sábados. Minto: nos sábados íamos todos beber cerveja – pelo menos até a hora de pegar o maldito ônibus de novo, para voltar para casa.

Nessas viagens noturnas, o que eu mais queria era sossego – e nem sempre tinha. Por exemplo, quando me surgiam por companhia, nas poltronas próximas, ou ao meu lado, algum daqueles proseadores incorrigíveis. Foi o que me aconteceu certa vez, e que me deixou marcas. Explico.

Eram duas mulheres nas poltronas logo atrás de mim. Pareciam bem íntimas, mas aparentemente estavam se revendo depois de algum tempo sem terem notícias uma da outra, como logo pude perceber pela conversa das duas. Como o veículo estivesse com lugares vagos facilmente se ajeitaram para botar a conversa em dia – e bem atrás de mim, que tudo que precisava era dar uma boa dormida. Não seria daquela vez, portanto.

Longa era a prosa delas, repleta de futilidades despertadas pelo reencontro. Eu não conseguia me desligar daquilo, elas falavam alto. Mas de repente, um personagem curioso foi adicionado ao papo e havia tintas de tragédia na história dele. Eu só queria dormir, depois de mais

de duas horas de imersão nas histórias banais que até então ouvira, mas aí, fui capturado, de vez.

- Renato? Então você não soube? Faleceu...

- Nossa! Como foi isso?

- Um acidente, terrível. E o pior é que não foi só ele...

- Como assim?

- Morreu ele e um garoto, filho de um amigo. Uma fatalidade!

- Conta...

- Foi na praia. Saíram para caminhar, um grupo de gente que tinha alugado casa por lá. O garoto, de uns sete ou oito anos estava junto. E o passeio incluía uma escalada pelas pedras, para se chegar a uma praia mais afastada.

- Os pais do menino estavam junto?

- Espera que eu te conto. Renato, na falta dos pais, era o responsável mais próximo, embora, formalmente, não tivesse recebido tal incumbência. Aliás, eles nem eram muito próximos, mas no tal grupo, o único adulto era ele. Isso deve ter ficado, acho eu, mais ou menos implícito.

- Pois é.

- Em certo momento aconteceu. No trecho mais perigoso o garoto escorregou ribanceira abaixo. E Renato se precipitou atrás dele. O garoto resvalou nas pedras e caiu no mar, lá em baixo. Renato atrás. As pessoas ainda viram o moço dando braçadas infrutíferas por ali, até que ele desapareceu também, no que parecia ser um redemoinho provocado pelas ondas.

- *E então?*

- *O resto foi triste, você pode imaginar. Os bombeiros só encontraram os corpos no dia seguinte.*

- *Que horror!*

Eu já estava arrepiado com aquilo. Mas felizmente havia chegado um ponto de parada e resolvi descer para ir ao banheiro. Percebi que uma das duas amigas, não sei bem se a ouvinte ou a narradora desceu também. Aproveitei para comer alguma coisa, quase ao lado da vizinha de poltrona e então pude vê-la melhor: uns quarenta anos de idade, relativamente bem vestida, loura oxigenada... Mas para quê estou contando isso, meu Deus! Deve ser a prolixidade que herdei da família de minha mãe. Não tem nada a ver. De toda forma imaginei que agora poderia tentar uma cochilada, nas quase quatro horas que ainda restavam da viagem.

Mal sabia eu que a coisa ainda iria se prolongar...

- *Que coisa horrorosa essa história... E logo o Renato, moço tão bonito, um partidão... Faz quanto tempo aconteceu?*

- *Uns quatro ou cinco anos. Mas você ainda não sabe de tudo, teve mais.*

- *Como? Morreu mais gente?*

- *Não. Não chegou a tanto. Mas houve desdobramentos.*

- *Como assim?*

- *Vou contar. Todos nós, da família, encaramos a perda do Renato como a de um herói, que entregou sua vida para salvar a de outra pessoa, mas apareceram informações novas. Imagina?*

- *Nem consigo imaginar o que possa ter acontecido depois!*

- Os pais do garoto resolveram levantar mais informações sobre o caso. Natural, né? E foram atrás das testemunhas disponíveis, aquela meia dúzia de pessoas que faziam a tal caminhada fatídica. Conversam daqui, conversam dali, alguém lhes disse que o menino na verdade relutava em ir, mas que Renato o havia estimulado, com o argumento que era preciso ser homem, perder o medo, essas coisas. E assim, nosso herói teve sua estátua dinamitada...

- Mas podia ser uma informação falsa, ou mal-intencionada. Sei lá.

- Infelizmente era verdade. Houve a confirmação de outros participantes. Ao que parece, num primeiro momento, se fez uma espécie de pacto de silêncio, depois desfeito pelas circunstâncias.

- E aí?

- Aí mais nada. Nada mesmo. Só dor, tristeza, e uma segunda morte para Renato, que passou de mito a um quase assassino...

Neste ponto, quem estava totalmente abalado era eu. Não somente por aquela tragédia, capaz de balançar os alicerces de qualquer família normal. Pobre Renato, que talvez não tivesse informação sobre o que viria pela frente e incentivou a macheza daquele garoto com a melhor das intenções. Eu o compreenderia, mas havia em mim outra questão, a me lancinar com intensidade.

É que havia uma história parecida em minha família...

Não era coisa ligada a caminhadas junto ao mar ou escarpas pedregosas, mas sim um afogamento em que morrera uma criança, meu irmão mais novo, sob a guarda de outro mais velho, nosso primo. Os dois estavam em um barco, num açude da fazenda onde morávamos e ali se deu o afogamento de um, com o outro também perdendo a vida na tentativa vã de o salvar. Tudo parecia, ao longo dos anos, apenas uma fatalidade, algo

inevitável. Era a história de um pobre menino mártir, que tivera junto a si um jovem malsucedido em seu provável heroísmo.

Mas nossa mãe, minha e também do pobre afogado, alguns anos depois, em seu leito de morte, tentou colocar para fora algo que lhe corroía o peito por dentro. Para uma parente que a acudia, falou de forma confusa e um tanto perturbada pela agonia, sobre o acidente que lhe roubara o filho e o sobrinho. A mulher ouviu a palavra *desobediência*, sem que ela explicitasse se isso afetava os dois protagonistas ou apenas um deles. E mais não disse, ou balbuciou algo que ela não entendeu por completo, dada a fala da outra já embargada pela morte. A família guardou aquilo como um segredo que ninguém ousava perscrutar.

Agora, tanto tempo depois, aquela história ouvida em uma viagem de ônibus parecia trazer uma luz sobre os acontecimentos do açude, que deixaram uma marca de horror em minha família, ainda pulsante décadas depois. Me indaguei: será que a história daquele desconhecido Renato reproduzia o que de fato teria acontecido com meu irmão, tantos anos antes?

Em outras palavras, surgiria ali também uma dolorosa mutação, de um herói que se transformava em vilão? Com a diferença que no nosso caso não houve inquérito, investigação, nada. Apenas a dor de uma mãe em sua expressão mais pura, feita, ao que parece, de silêncio e de revolta, por muitos anos a fio.

Minha noite de sono, mesmo precário, sobre rodas estava perdida. Agora era encarar as reuniões do dia seguinte. E suportar as brincadeiras dos colegas que viam em mim um dorminhoco contumaz. Mas, afinal, o que sabiam eles dos efeitos daquilo que não era apenas uma noite mal dormida, mas uma fieira de dores e traumas que eu carreguei durante toda uma vida, não apenas por serem minhas, mas de toda a família?

O Apocalipse segundo JB

Bem aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo.
Apocalipse 1:1-3

Caminhar pelas ruas da cidade era antigo costume de João Batista, JB para os mais íntimos. Desempregado, então, fazia daquilo quase um ofício. Andava pelos quatro cantos, procurando novidades ou coisas fora da rotina, quaisquer que fossem: construções inacabadas, praças e ruas em fase de reparos, lixo jogado em lugares inapropriados, automóveis abandonados, pneus e colchões em desuso jogados a esmo, algum vazamento de água ainda não corrigido. Em uma pequena caderneta anotava tudo, *para dar parte*, dizia ele, sem declarar quem seria o objeto de tal comunicação. Se houvesse alguma criança ou criação perdidas nas ruas, deixassem com ele também.

Mas o que importava era anotar, registrar, de alguma forma fazer aquilo ganhar substância. Depois haveria de procurar o que fazer de tanta acumulação. E havia muito trabalho a cumprir, naquela vila que ele via em total desmazelo, antes de um arremate de sua missão. Depois, um dia, se veria...

Passava repetidamente pelos mesmos lugares, em um périplo que apenas gradualmente se ampliava, sem maior pressa, todavia. Era preciso prestar contas, talvez principalmente a si mesmo, de cada canto percorrido e da inspeção de cada lote vago, antes de ampliar sua exploração cotidiana.

E foi ali, debaixo do pontilhão da estrada de ferro que ele ouviu a voz pela primeira vez. E ela dizia qualquer coisa sobre um cavalo branco, cavalgado por um homem armado de arco e flecha. E mais ainda, que tinha sido dado a tal homem uma espécie de manto, para quando ele saísse vencedor de terríveis batalhas.

A voz o chamava pelo nome, mas dizendo apenas *João*, sem usar o *Batista*, nome pelo qual era mais conhecido. Ele olhou em torno, espantado. Não por ter ouvido a voz, pela qual ele afinal já esperava há

tempos, mas por não imaginar que ela lhe chegaria em lugar tão estranho, com tanto lixo atirado, cheirando a esgoto, com ratos e moscas por todo lado. Mas mesmo assim se regozijou, pois afinal de contas algo há muito augurado lhe alcançava.

Depois de anotar as condições do local na caderneta, se assentou no chão para ouvir melhor. Sem deixar de se preocupar com as condições do local, viu que havia muito a ser compreendido naquelas longas e complicadas sentenças que a voz lhe trazia, apontando terríveis acontecimentos. A menção repetida a palavras como *revelação* e *anticristo* lhe sugeriu que aquilo tinha ligação com algo de fundo mais religioso ou espiritual. E a voz também lhe dizia, repetidamente: *são quatro, são quatro!* Quatro o quê? Indagou a si mesmo, pensando se poderiam ser quatro cantos, quatro ventos, quatro queijos. O que significaria isso, afinal?

A voz parecia se alterar, em modos de irritação e ameaça. Falou também de um cordeiro degolado, além de peste, de guerra e de fome. Aquilo fazia sentido para ele, ao lembrar daquela imagem inicial do cavaleiro armado e montado em um corcel branco. E a voz agora sussurrava: *João, atenção! Este é o que traz a peste em seu cavalo branco, a peste! Mesmo os que se cuidam não escaparão.*

JB ficou de fato perturbado, a cabeça agora lhe latejando com intensidade. Resolveu caminhar para fora daquele lugar, temendo que aquela voz cada vez mais ameaçadora se voltasse contra ele. Saiu dali a vagar fora de seu domínio habitual, até que se recostou à parede de uma oficina abandonada e adormeceu ali. Exausto.

Mas logo se viu desperto. Seus ouvidos, tão próximos àquela parede nua e fria, a ouviam de novo. E a voz agora falava em grandes acontecimentos, com o número *quatro* sendo substituído pelo *sete*: *sete pragas, sete selos, sete pecados*. E mais, agora chamando alguém: *Daniel, Daniel, Daniel, onde está você?* Uma coisa nova era pronunciada, lembrando mais uma

vez o tom místico da conversa de antes: *um cordeiro foi morto! Pode ser uma coisa assim, João? E muita guerra virá*, dizia ainda a voz.

Não sabe se dormiu de novo, se vagou mais ainda pela cidade, se voltou para casa. Só se lembra de ter estado por outros diversos lugares, agora de volta a seus percursos habituais. Passava então por uma chácara já conhecida, na periferia da vila, quando novamente ouviu: *João, meu filho... Sim, você mesmo!* E aquilo partia agora de dentro de um muro de pedras que cercava a propriedade.

E prosseguiu a voz, falando agora de um cavalo vermelho, cujo cavaleiro, ameaçador, armado de uma grande espada, seria capaz de extinguir toda a paz da terra, fazendo com que os homens se tornassem inimigos entre si. O tom ameaçador era cada vez mais assustador e isso o fez estremecer. Mas mesmo assim, ou por isso mesmo, resolveu seguir adiante.

Mas agora a voz parecia o perseguir, brotando de cada muro, mureta, cerca e até mesmo do chão cru. Às vezes apenas dizia seu nome, de forma ácida, se calando em seguida. E seguiu falando de um profeta que iria reunir seu rebanho e ao mesmo tempo travar batalhas contra os inimigos tremendos. E a alusão ao cordeiro imolado voltava a ser repetida, inúmeras vezes, como se buscasse a vingança de um crime terrível. Um cavalo negro foi anunciado e galopando com ele o flagelo terrível de uma fome como nunca se viu antes. *Como nunca ninguém pode ter visto, João, em nenhum lugar deste mundo de Deus.*

Foi adiante, cada vez mais afastado de seu território habitual. A velha igreja, há tempos fechada por falta de padre, lhe pareceu bom lugar para repouso e distância daquilo que certamente lhe movia alguma perseguição. E ali ouviu mais, agora a referência a um cavalo preto, cavalgado por um homem que portava uma balança de peixeiro em uma das mãos. E a voz, sempre ameaçadora, agora dizendo algo ainda mais misterioso, como trocar partidas de trigo e cevada por dinheiro, com azeite e vinho como parte de tal negociação. *João, presta atenção, tudo*

isso é muito sério, é o Senhor que quer assim! E ouviu chamar novos nomes, além do Daniel já citado, como Zacarias, Ezequiel e Oziel, fossem lá quem fossem. Ele realmente não sabia quem seriam e qual papel teriam naquela provação que agora lhe chegava.

Seguiu em frente, cada vez mais esbaforido. De novo no pontilhão da ferrovia julgou ser possível se proteger ali. E ali a voz, mais uma vez, cresceu em tonalidade e ameaças. O personagem equino era agora um cavalo baio ou amarelo esverdeado. *João: este é da mesma cor de um cadáver que se decompõe!* E era o quarto e último, assegurou a voz, com tal montaria sendo portadora de morte e tragédias diversas. Mas talvez não fosse um cavalo agora, mas uma égua esquelética, pela hora da morte. E seu ginete era simplesmente a Morte, com todo um cortejo de seres enviados ao inferno e destinados à extinção eterna a seguindo de perto.

A voz, cada vez mais insistente e tenebrosa dizia que aqueles quatro cavaleiros e suas montarias branca, vermelha, negra e baia, estavam chegando para anunciar o fim dos tempos. *Presta atenção, João, seu pecador infeliz!* Esses aí eram os escudeiros do Anticristo e para quem bem soubesse representavam Peste, Guerra, Fome e Morte. Seus ginetes não salvariam ninguém de nada, pois eram os verdadeiros e últimos carrascos a punir a humanidade em pecado.

Ele então percebeu que não seria possível alcançar salvação para ele, aliás, para ninguém, ninguém mesmo. Tinha que escapar, no mínimo para algum lugar onde não houvesse paredes ou muros, entidades que carregavam não só aquelas notícias tão más, mas junto com isso uma feroz capacidade de executá-las.

Tomou assim a estrada principal e por ela caminhou, noite adentro e também no dia seguinte, apesar do sol, da poeira, da canícula opressiva daquela época do ano. Era preciso escapar. Ele sabia que era inocente absoluto em relação a tudo o que a voz apregoava. Não! O filho de sua mãe não seria pego, com certeza.

No dia seguinte, já ao crepúsculo, alguns trabalhadores rurais o descobriram e os homens da ambulância municipal o resgataram em seguida. Estava caído numa valeta lateral da estrada, com a cara suja de lama, língua seca como uma canela de ema, olhos vidrados. E balbuciando sem parar palavras com sentido misterioso e desconhecido, como *Apocalipse e Armagedon*, além de outras, entre as quais a palavra *Besta* se destacava. Balbuciava cheio de ira e ansiedade se alguém vira por ali quatro cavalos, cada um de uma cor diferente. E invocava sem parar a proteção de São João, jogando nomes feios sobre uma desconhecida Salomé, jurando vinganças terríveis contra o ser que ele denominava *Anticristo*.

No terceiro dia sua mãe, uma humilde lavadeira que morava longe dali, veio visitá-lo no hospital psiquiátrico. E trouxe, a pedido do filho, um livro, a Bíblia, que ele, pelo que então se soube, lia com avidez havia meses, passando assim até noites em claro. Para a mãe, João Batista sempre fora uma pessoa calma e normal, sempre muito rigoroso e cumpridor de seus afazeres. Começou a ter mudanças de atitudes depois que perdeu o emprego de frentista em um posto de gasolina e se separou da mulher. Por causa disso começou a frequentar uma igreja evangélica, sendo acolhido como uma espécie de protegido do Pastor, que lhe influenciava naquelas leituras da Bíblia. Ela precisava comunicar a este homem sobre os acontecimentos dos dias anteriores, aquelas mudanças tão graves de comportamento do filho, quem sabe ele o ajudaria. Precisava só arranjar um dinheirinho para colocar o dízimo da igreja em dia, atrasado desde que JB perdera o emprego.

Com relação às palavras que ele repetia sem cessar, *Margedão e Pocalipes*, a mãe desconhecia o significado delas, mas sentia que era coisa que parecia importar muito ao filho. Ela só queria que fosse curado daquilo, precisava dele demais, não só como companhia para sua velhice, mas também pelos trocados que bem ou mal ele lhe trazia no final de cada duas semanas.
